

Acervo em Foco: Paisagem sonora

Acervo em Foco: Paisagem sonora reúne duas obras de arte sonora do acervo do MAC RS, de Marcelo Armani e André Barbachan. São, atualmente, as únicas obras dessa linguagem realizadas por artistas do Rio Grande do Sul presentes na coleção. A escolha desses trabalhos parte também de uma particularidade que os aproxima: ambos desenvolvem suas pesquisas a partir de relações com os espaços que habitam.

A paisagem sonora pode ser compreendida como a percepção acústica e subjetiva de um determinado ambiente, capaz de conectar territórios, memórias, o corpo e o próprio pensamento de quem a experimenta. Nesse sentido, não se trata apenas dos sons que compõem determinado lugar, mas da experiência produzida a partir deles.

É a partir dessa perspectiva que os trabalhos de Armani e Barbachan se aproximam. Ambos deslocam-se pelo território para transformar o acaso do encontro em matéria de criação. Em Armani, essa deriva acontece pela escuta. O artista percorre diferentes lugares em busca de fragmentos sonoros, ele utiliza a expressão “observando com os ouvidos”, para captar, editar e reorganizar em novas composições. Os áudios que integram a obra fazem parte de seu “banco de áudios”, constituído a partir de gravações das memórias sonoras que o artista realiza pela cidade. Já as coordenadas geográficas que acompanham a obra correspondem aos lugares em que Armani encontrou as molduras.

Em Barbachan, a deriva se dá principalmente pelo encontro com a matéria. Em seus percursos pela praia do Laranjal, em Pelotas, o artista recolhe objetos e elementos que podem ser incorporados às suas instalações. O território deixa, assim, de ser apenas o lugar onde a obra acontece e passa a participar de sua própria constituição. Em “Antes naquele lugar. Eu. Nós aqui.”, a relação com a cidade também se manifesta pela construção de uma paisagem sonora a partir de pontos turísticos ligados à experiência do próprio artista. A obra se completa, ainda, pela interação do público, pois seu funcionamento lembra um fliperama, no qual os visitantes podem explorar e acionar os sons que compõem essa paisagem.

A aproximação entre os trabalhos se estende à própria maneira de fazer. Em um contexto marcado pela presença de tecnologias digitais, Armani e Barbachan preservam uma dimensão artesanal na construção de suas obras. Fios, circuitos, alto-falantes, aparelhos e outros componentes são manipulados, montados e reorganizados, fazendo com que a materialidade dos mecanismos também participe da experiência sonora. O som, nesse caso, não é separado de sua estrutura de produção: ele possui presença no espaço.

As obras também dependem do público para se completar. A escuta não acontece de maneira única ou previamente determinada. A posição do corpo, o deslocamento pelo espaço, a atenção dedicada a cada som e as memórias de cada pessoa interferem na experiência. Um mesmo som pode remeter a um lugar para um visitante e despertar uma lembrança completamente diferente em outro. A paisagem sonora, portanto, não está

apenas na obra ou no território que ela evoca, mas também na relação que cada indivíduo estabelece com aquilo que escuta.

Setor de Acervo MAC RS

Mel Ferrari

Bárbara Becker

Carla Moraes

Raíssa Gasparetto